

# O BARQUEIRO É O POETA





INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM ENSINO DE HUMANIDADES

# O BARQUEIRO E O POETA

ANDRÉ LUIZ NEVES JACINTHO  
LETÍCIA QUEIRÓZ DE CARVALHO

CAPA E ILUSTRAÇÕES  
ÉRLON RAMOS

1ª EDIÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória

J12b Jacintho, André Luiz Neves.

O barqueiro e o poeta / André Luiz Neves Jacintho, Leticia Queiroz de Carvalho. –  
Vitória, ES : Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018.  
69 p. : il. 21 cm.

ISBN: 978-85-8263-307-6 (broch.).

1. Leitura. 2. Poesia. 3. Literatura. 4. Ensino. I. Carvalho, Leticia Queiroz de. II.  
Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD – 372.4

REALIZAÇÃO



Edifes  
Instituto Federal do Espírito Santo  
Rua Barão de Mauá, 30, Jucutuquara - Vitória, Espírito Santo. CEP:  
29040-860.  
Tel. +55 (27) 3198.0910  
E-mail: editora@ifes.edu.br

#### **Comissão Científica**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Letícia Queiroz de Carvalho  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Karina Bersan Rocha  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Dilza Côco

#### **Coordenação Editorial**

AntonioDonizettiSgarbi  
Leonardo Bis dos Santos

#### **Revisão do Texto**

André Luiz Neves Jacintho  
Letícia Queiroz de Carvalho

#### **Apoio Técnico**

Arlindo José Mercon

#### **Capa**

Erlon Ramos

#### **Editoração Eletrônica**

Livy Loubak da Cruz Jacintho

#### **Produção e Divulgação**

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória  
Av. Vitória, 1729, Bairro Jucutuquara  
Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860



## **INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**JadirPella**

Reitor

**Adriana Pionttkovsky Barcellos**

Pró-Reitor de Ensino

**André Romero da Silva**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação

**Renato TannureRotta de Almeida**

Pró-Reitor de Extensão e Produção

**Lezi José Ferreira**

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

**Luciano de Oliveira Toledo**

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

**Ifes – Campus Vitória**

**Hudson Cogo**

Diretor Geral do Campus Vitória – Ifes

**Marcio Almeida Có**

Diretor de Ensino

**Márcia Regina Pereira Lima**

Diretora de Pesquisa e Pós-graduação

**Christian Mariani dos Santos**

Diretor de Extensão

**Roseni da Costa Silva Pratti**

Diretor de Administração

## APRESENTAÇÃO

O livro que o leitor tem agora em mãos é um requisito e o resultado da pesquisa intitulada *LEITURA POÉTICA DA CIDADE DE VITÓRIA NA OBRA DE ELMO ELTON*. Estes escritos foram construídos dialogicamente, a partir das interações realizadas com os professores de uma escola Estadual de Ensino Médio, situada no município de Serra/ES.

A cada encontro realizado, as conversas foram registradas em formato de notas de campo e analisadas, posteriormente, a fim de estabelecer conexões entre o fazer pedagógico de cada professor e as necessidades de material didático referentes às questões do Direito à cidade e à literatura.

Cada um dos textos foi escrito tendo como referência as possibilidades didático-pedagógicas apontadas pelos docentes, que, posteriormente, tiveram contato com eles e apontaram possíveis atividades, que encontram-se no *CADERNO DE INTERAÇÕES DIALÓGICAS*, anexo ao livro.

Durante o processo de construção desse Produto Educativo, que segue as recomendações da área 46 – ENSINO, subáreas de Ensino de Ciências Humanas, Linguagens e Artes, da CAPES/MEC\*, os textos nele presentes, foram sendo escritos e rescritos, sempre em contato com os participantes da pesquisa, por isso afirmamos a sua construção a partir de interações dialógicas. Indicamos, então, que este produto educacional fez parte do processo de formação do mestrando e foi validado por seus pares, a partir das interações realizadas. Espera-se ainda que o produto seja incorporado ao sistema educacional cujo mestrando esteja inserido, além de disposto de forma gratuita através de cópias físicas o online.

\* Informações disponíveis em [http://ppgeh.vi.ifes.edu.br/?page\\_id=190](http://ppgeh.vi.ifes.edu.br/?page_id=190)

A fim de atender a demanda de material didático que perceba e análise as relações entre a literatura e a cidade criou-se este paradidático que tem como personagens os sujeitos cantados nas poesias de Elmo Elton. Como o poeta retratava a vida e as angústias de alguns personagens populares da cidade de Vitória/ES, pensamos ser oportuno selecionar alguns deles e colocá-los em situações conflituosas no espaço e no tempo, para que o leitor possa perceber que a cidade é um espaço de contradições, de símbolos e, acima de tudo, de diálogo com o outro.

Todos os patrimônios históricos citados nos textos deste livro podem ser visitados ou conhecidos digitalmente no site da Prefeitura Municipal de Vitória, disponível no endereço eletrônico:  
<http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/patrimonio-historico>

## OS AUTORES

### ANDRÉ JACINTHO

Mestrando em Ensino de humanidades pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Vitória - PPGEH (2016). Pós-graduado em Estudos da Linguagem pela Faculdade Saberes (ES). Licenciado em Letras Português-Inglês pela Faculdade Saberes (2010). Integra o grupo de pesquisas GEPECH - Grupo de Estudo Educação na Cidade e Humanidades: formação, diálogo e Intervenção (IFES). . Atualmente, leciona Língua Portuguesa nas turmas de ensino médio na EEEFM “Marinete de Souza Lira”, no bairro Feu Rosa, Serra/ES.

E-mail: andretcho@gmail.com

### LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o grupo de pesquisadores do Grupo de Pesquisas Culturas, Parcerias e Educação do Campo (UFES) e Literatura, Arte e Pensamento (IFES - Linhares). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES - Campus Vitória). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, prática de ensino de língua e literatura, linguagem, formação de professores, pedagogia social e educação profissional.

E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.

## CAPA E ILUSTRAÇÕES

### ÉRLON RAMOS

Érlon Ramos é professor de artes, artista plástico, cartunista/quadrinista, ilustrador, escritor, compositor, cantor e baterista.

Tem no currículo exposições, dentre elas, a mostra Jazzus, que trouxe o ambiente do jazz em várias acrílicas sobre tela, realizada na galeria Freda Cavalcanti Jardins (2011), situada no Centro de Artes da UFES, Cemuni II. Na área de publicações, foi contemplado, em 2010, com o edital de histórias em quadrinhos da Secult e pôde lançar a HQ Révi Métau: Frustração, Birita e Música Doida!

## Ó BARQUEIRO E Ó POETA



Depois de uma longa viagem, o poeta retorna a sua ilha incrustada na rocha. Do mar, a vista lembra um presépio, visão de um mundo maravilhoso, um refúgio de surpresas e desejos. No porto, o poeta encontra um pescador com seus olhos perdidos no mar e lhe declama estes versos:

“Ó destemido barqueiro.  
Senhor das águas do mar.  
Que fizeram da barçaça.  
Da tua linda barçaça  
Que, à fria luz do luar,  
Vinhas aqui ancorar?

Ó desgraçado marujo.  
Humilde amante das vagas.  
Quem levou para outras plagas  
A tua leve barçaça  
Que, dia e noite, singrava  
Os grandes mares do Norte?

Ó robusto marinheiro.  
Alma nascida da espuma,  
Da branca espuma do mar...  
Por que não vais procurar  
Por esses mundos distantes  
A fada do teu sonhar?

Ó tristonho aventureiro,  
Escravo das verdes ondas,  
Das ondas verdes do Atlântico,  
Sem a tua embarcação,  
A luz dos astros é baça...  
A praia ficou deserta...

Não há festa sobre as águas!  
E a ventania que passa,  
Em ânsia, está soluçando  
Por não poder embalar  
As velas da tua náu...

[...]

Ó desditoso praieiro,  
Coração cheio de sonhos.  
Agarra a tua viola  
E vem cantar os teus fados!  
Por certo, ouvindo os teus prantos.  
As sereias do alto mar,  
Em breve, farão voltar  
Para esta praia de encantos  
A causa do teu penar...

Ó desgostoso argonauta,  
Homem criado nas águas,  
Já eu sinto enorme falta  
Daquelas doces histórias  
Que, da popa do teu barco,  
Tu me contavas, sorrindo...  
Havia sempre em teus contos  
Alguma coisa de mim...  
Quantas mulheres bonitas,  
Quantas donzelas ingênuas  
Deixastes, em terras estranhas,  
À espera da tua volta?<sup>1</sup>

[...]

---

<sup>1</sup> ELTON, 1945, p. 6-8

O barqueiro lhe responde – O moço me perdoe, mas não sei o que é ser “desditoso”, “destemido” ou “robusto”, sei apenas ser “desgraçado”, “tristonho”, e “desgostoso” não sou homem de letras e não posso responder ao nobre poeta na forma como fala. Meu vocabulário se resume à fala dos peixes e dos outros pescadores que, mais que os peixes, falam meia dúzia de palavras. Sou homem da lida e a má sorte tive de não sentar em banco de escola. Só sei lidar com homens iguais a mim ou que tiveram pior sorte. Espero nesse porto uma vaga de emprego ou dentro de um barco minha própria morte.

À resposta do barqueiro, resigna-se o poeta do malogro de alguns homens. E segue perguntando, à luz da lua, ao argonauta da Ilha, se prefere sulcar rios ou o mar, se conhece o Aqueronte ou o Santa Maria, se prefere o porto ou navegar?

À indagação do poeta, o barqueiro responde, com sua voz grave, que sorte de pescador é encontrar vaga em barco alheio de boa paga ou conseguir, nem que seja por herança, uma maloca na beira da praia ou do mangue de onde possa retirar seu sustento e de sua prole.

O humilde barqueiro, curioso do ofício de poetar, pergunta ao viajante como ele aprendeu a combinar as palavras e fazê-las dançar, como os pares fazem no pagode, juntas e em harmonia.

Com o tempo dos que acabam de chegar, o poeta começa a falar sobre seus estudos na cidade, do tempo em que vivia a no porto a beira mar, que era sua vista preferida de Vitória. Relembra o tempo em que ficava no externato. Foi lá que aprendeu as primeiras letras. Também estudou no Colégio Americano, um dos mais tradicionais da capital, onde conheceu a palmatória, numa época em que os professores não se resignavam a ensinar apenas as letras e a tabuada, ensinavam também “a moral e os bons costumes”. Num tempo onde poucos tinham acesso à escola, quem podia sentar-se

no banco de uma sentia-se privilegiado. Era lá onde seriam formados os grandes homens que governariam a cidade.

No colégio particular, reduto da “melhor sociedade capixaba” interessou-se pela poesia depois de ler a tríade parnasiana: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. Foi por eles que começou a escrever seus primeiros versos. Versos de louvor à cidade. À mesma que o sagrou “o poeta da cidade”.

– É desse tempo os versos que agora declamo ao pescador:

Vitória! Vitória! Que mar este teu!  
Que mar tão azul! Oh! Que mar tão azul!  
Que mar de ternura! Que encanto de mar!  
Que lindo teu porto! Que alegria este cais!  
Há sempre barqueiros sonhando no cais...  
Há sempre barqueiros cantando no cais...<sup>2</sup>

Neste ponto, o marinheiro o interrompeu retrucando – nem sempre estamos cantando, e, às vezes, cantamos sem ter alegria.

Diante da interrupção, o poeta pareceu desistir do canto, mas foi inflamado pelo homem do cais – Vamos, homem, continue a canção.

Que mar de caricias! Que mar sem igual!  
Que mar só de plumas! Que mar de águas mansas!  
Que brancas gaivotas são tuas barças!  
Têm todas uns nomes das coisas do céu!  
Lá está “Deus te guie”... Lá está “Mão de Deus”...  
“São Pedro”... “São Lucas”... “Senhora da Penha”...  
São nomes queridos pintados nos barcos!<sup>3</sup>

<sup>2</sup> ELTON, 1947, p. 20

<sup>3</sup> Id. Ibid

Novamente o poeta interrompeu o canto e perguntou ao poeta:

- Mar de plumas, águas mansas? O senhor está cantando qual mar? Isso aqui, na ressaca é um “Deus nos acuda”. Os barcos são revirados, as redes são rasgadas e o prejuízo é todo dos pescadores, por que os donos dos barcos, aqueles que os nomearam com nomes de coisas do céu, fazem da nossa vida um inferno.

O poeta, desolado, entende então que seus versos falam de outros pescadores, dos pescadores que estão nos quadros, nas músicas. Aquele pescador ali é de verdade. É de carne e osso. Sofre todos os dias para levar o sustento para a família e nem sequer é dono do barco em que pesca e que foi levado pelo mar.

Apesar do desencanto o poeta continua falando da arte de fazer versos. Conta ao barqueiro sobre a poética, fala de Aristóteles e os gregos, cita Homero e seus heróis. Explica-lhe sobre métrica, rima, ritmo. Fala-lhe dos clássicos e dos modernos. Tentou até lhe mostrar como era fácil criar um soneto parnasiano, mas recuou, depois que o pescador lhe perguntou o que significava “parnasiano”.

Mesmo sem entender tudo que o poeta falava, o pescador prestava atenção, permaneceu firme o bravo jangadeiro, até o final da explicação, no fim, sabia de uma coisa: fazer versos é tão difícil quanto pescar.

Percebendo que sua explicação em quase nada afetou o matalote. Recuou o poeta em sua palhada e fixou os olhos nos barcos que saíam à pesca.

Dois pescadores empurravam um barco para a água e cantavam esta canção de esperança, seguidos pelo argonauta do poeta:

Minha jangada vai sair pro mar  
Vou trabalhar, meu bem querer  
Se Deus quiser quando eu voltar do mar



Um peixe bom eu vou trazer.  
Meus companheiros também vão voltar  
E a Deus do céu vamos agradecer<sup>4</sup>

Onde aprendeu essa canção? – pergunta o poeta.

Meu pai cantava junto do rádio, acompanhado de minha mãe, que respondia – falseteou o barqueiro:

Adeus, adeus  
Pescador não esqueça de mim  
Vou rezar pra ter bom tempo, meu nego  
Pra não ter tempo ruim  
Vou fazer sua caminha macia  
Perfumada com alecrim<sup>5</sup>

Pediam para eu e meus irmãos cantarmos juntos, assim enganávamos a fome nas épocas de escassez.

Ao ouvir a história do pescador, o poeta lhe diz que aquela canção também é um poema.

O embaraço do argonauta foi tanto, que lhe escapou um sorriso debochado.

- Mas essa canção, feita por um pescador, é um poema?

Claro que sim – respondeu o poeta – mas quem a compôs não era pescador.

E como não sendo pescador, falava da pesca como se fosse um de nós? Se eu, pobre pescador, não domino a arte das palavras, como pode o poeta, que nunca pegou na malhada, falar da pesca? – retrucou o barqueiro.

---

4 CAYMMI, 2017

5 Id. Ibid

Esse é um dos talentos do poeta, meu bom pescador.

Grande talento, moço poeta, o talento de fingir ser o que não é – Disse admirado o barqueiro.

Diante da afirmação do barqueiro, o poeta declamou os seguintes versos:

- O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.<sup>6</sup>

- Que bonito! Exclamou o pescador

- Também são versos seus?

- Oh, quem me dera! Esses são de um português, mas numa outra hora eu te apresento a ele.

Percebendo que a conversa renderia mais tempo do que dispunha, o poeta, recém-chegado, promete voltar no outro dia para que possam falar mais de pesca e de poesia.

Após a partida, o poeta, longe do pescador, percebe que é mais fácil fazer poesia que ensiná-la.

Outro dia no porto...

Buscando um motivo para escrever sobre a cidade, o poeta caminhava pelo porto. As histórias que por ali circulavam poderiam ser matéria de seus escritos, mas é preciso ter o olhar acurado, o nome de um navio, uma briga de marinheiros, a travessia da baía, tudo pode se transformar em poesia.

---

6 PESSOA. 1960, p. 97.

O olhar do poeta encontrou novamente o barqueiro do primeiro encontro. O olhar perdido na água, as mãos pensas, parecia não ter saído da posição que o deixara, dias atrás.

Ao se aproximar, o olhar do homem se alegrou.

Esperei aqui esses dias, para continuar aquela conversa sobre versos – disse o barqueiro – achei que tinha se esquecido.

Na verdade, sim. O poeta esqueceu-se completamente do homem do porto, mas disse a ele que esteve muito ocupado com assuntos na Cidade.

Não sabendo por onde começar a conversa, o poeta pediu ao homem que lhe contasse sua história. Talvez fosse um bom mote para suas poesias.

História de (um) pescador.

Meu pai era um negro alto, retinto, filho de escravos alforriados. Nasceu e foi criado no alto do morro, vendo navios, que iam e vinham. Nunca soube o que os navios levavam e traziam, sempre os achou grandes demais para pescar – poderiam espantar os peixes, com seu tamanho e com o barulho que faziam. Trabalhou na construção da cidade, que crescia aos seus pés. Nunca gostou do asfalto, sua favela tinha mais vento. Olhar para baixo e ver as pessoas pequeninas dava-lhe a sensação de ser o maior homem do mundo. Desgostou do morro depois de cair, bêbado, da escadaria que levava a sua casa, numa noite de muita chuva.

Foi morar na parte mais baixa da favela. Lá conheceu minha mãe, que todos os sábados passava saindo da casa de família em que trabalhava a troco de comida, roupas velhas e uns trocados, que ajudavam no sustento da família.

Ela era descendente dos Comboios, tribo de índios tupiniquins,

que viviam – e ainda vivem – em Aracruz. Como a mãe não tinha condições de cuidar dos filhos os distribuiu pela cidade, para famílias que gostassem de ter um indiozinho em casa.

Como índio grande não é atraente, virou empregada da família, que lhe era muito boa, davam-lhe tudo que a filha mais velha não usava mais, pagavam sua comida e ainda lhe davam um dinheiro, que ela dava à mãe para comprar farinha de beiju.

Um dia, os dois se encontraram no porto da cidade. Meu pai ia pescar, minha mãe atravessaria a baía numa catraia.

Vendo que a índia pagaria para atravessar a baía, ofereceu-lhe uma carona. Ela, moça econômica, de pronto aceitou. Enquanto ele remava, ela permanecia com os olhos fixos no outro lado. Não disse uma palavra durante todo o percurso. Ao chegar do outro lado, levantou-se, disse obrigado e foi-se embora sem olhar para traz.

Ele ficou aborrecido, não esperava, depois de atravessar a baía, não ganhar sequer um sorriso. Baixou os remos dentro do barco, amarrou-os e foi até ao botequim próximo ao caís tomar uma dose de cachaça para espantar o fora que tinha levado.

No outro dia a cena se repetia, ela no caís, ele no caís. Desta vez ele não ofereceu, ela já foi entrando no barco sem nada a dizer. Ele, sem saber o que fazer, remou. E Assim começou o namoro, nunca me contaram quem tomou a iniciativa, quem dirigiu a primeira palavra, quem propôs o primeiro beijo.

Meu pai, nem teve muito tempo pra contar, morreu quando eu tinha oito anos, numa briga de bar. Minha mãe parece não gostar de falar dele. Até hoje guarda seu luto e nunca mais andou de barco na vida.

A história do pescador daria uma canção, mas não era a intenção

do poeta cantar tragédias amorosas. Ele buscava histórias bonitas, como esses quadros de paisagens campestres que figuram em paredes frias de apartamentos da cidade, que só fazem lembrar o campo como o lugar da paz e de harmonia. A história do pescador não enfeitaria nenhuma parede.

E o senhor – perguntou o marinheiro – de onde vem?

Sou daqui, dessa cidade que nasceu e cresceu entre o mar e a rocha. Deve ser por isso que sou poeta. Entre a fluidez do oceano e a dureza do maciço central, me fiz e refiz. Criado no Parque Moscoso, estudei nos melhores colégios da capital, convivi com a melhor sociedade capixaba e fui reconhecido em vida, diga-se de passagem, como o poeta da cidade.

“Poeta da cidade” – admirou-se o barqueiro – como pode falar da cidade, se só conhece o centro?

Diante dessa indagação o poeta respirou fundo e pensou – Que cidades estão enterradas nesta cidade?

Como quem adivinhasse a reflexão do poeta, o pescador perguntou – Ainda é o poeta da cidade?

## O MARINHEIRO E O SEU PORTO

**A**pós longos anos longe da cidade de Vitória, em viagens mais distantes do que se podem mensurar, um marinheiro volta ao porto de sua juventude, buscando algo que se havia perdido. O porto, porém, já não é o mesmo, se é que algum dia fora da forma que o marinheiro se lembrava. Ninguém está a sua espera, nem mesmo a morena, que deixou a chorar quando partiu. Os versos de um poeta da cidade inundam sua memória:

[...] Meu Deus, que delírio! Meu Deus, vou chegar!  
Que é feito da barca do moço trigueiro,  
De pele tostada, de olhares magoados?  
Que é feito da graça daquela morena,  
De longos cabelos, de boca pequena?  
A tantas perguntas quem vai dar resposta?  
Quem é que, no porto, me espera, rezando?<sup>1</sup>

A chegada solitária e sem festas, contrasta com o ritmo frenético da cidade por de trás do porto. Depois de desembarcar do navio – e do sonho –, o marinheiro passa a explorar a velha cidade nova. As ruas criadas, e alargadas – sem que o marinheiro soubesse – despejam carros e gentes no movimentado comércio do Centro. Aquela pequena cidade dos sonhos continua encrustada na rocha, as ruas continuam tortuosas, algumas casas ainda permanecem, assim como as igrejas, mas a quantidade de pessoas parece ter se multiplicado de maneira incalculável. Mendigos, prostitutas e usuários de drogas ocupam os espaços que antes pertenciam à burguesia local. O prestígio do antigo Centro não está mais ali, deu lugar a um outro ambiente, mais popular, mais malcheiroso, mais conflituoso, mais humano.

<sup>1</sup> ELTON, 1947, p. 32.



O marinheiro pode andar pelas ruas, agora, com seu uniforme gasto, seu cheiro de mar, sua barba de náufrago e seu cabelo desgrenhado, ninguém notara, seria ele apenas mais um na multidão cidadina. Pode fazer suas preces em qualquer uma das igrejas, mas entra na de costume, naquela que sempre o acolheu de portas abertas, a Igreja do Rosário. Lá dentro a imagem de São Benedito o abençoa e parece continuar a rir do dia em que saiu em “procissão” às costas de Antônio Motta, do Convento de São Francisco para o lugar atual. O que deu início à disputa entre Caramurus e Peroás.

Com a benção de São Benedito, o marinheiro continua sua caminhada pelas ruas, vais atrás de alguém que lhe seja familiar. Os anos longe de casa afastaram amigos, parentes e amores. Como reaver tudo que o mar levou? Como gozar de novo os dias festivos da mocidade? É isso que o marinheiro quer saber, será quem alguém é capaz de lhe responder?

Foi até a Rua Sete de Setembro e procurou a lanchonete Sete, ponto de encontro mais frenético da cidade do nosso marinheiro, mas ela não está mais lá, desapareceu, sumiu e consigo levou “inúmeros encontros e desencontros, beijos na frente ou no horizonte, solitários encostados nos balcões, uma mulher [que] esperou alguém que não veio”.

Talvez fosse essa mulher quem ele procurava. Lembrava-se dos beijos e carinhos da morena, dos cabelos, da cintura e das mãos, lembrava-se de tudo, menos o nome. Como procurar alguém, depois de tanto tempo, e só ter como referência os momentos de amor que passou? Seria desconcertante pedir informação a algum morador mais antigo, ou a algum transeunte de mais idade só revelando a silhueta da mulher das lembranças. Se pelo menos encontrasse Otinho, “a figura mais conhecida da terra”, talvez ele se lembrasse da moça do marinheiro, mas nem Otinho está mais lá. O que aconteceu com o Centro e com seus personagens mais populares, “Violão, Chupa, Meio-fio” . Todos se foram, inclusive a cidade. – Nem as cidades permanecem as mesmas – pensou o

marinheiro.

Na Praça Ubaldo Ramallete Maia, próxima à Rua Sete, onde costumavam se encontrar os amigos do marinheiro, nenhum deles encontrou, apenas os bustos dos quase desconhecidos Dr. Euryclides de Jesus Zerbini e do interventor federal que nomeia a praça. O que aconteceu com toda aquela gente que morava aqui? Estariam todos mortos? Por que só ele teria sobrevivido ao tempo, assassino impiedoso?

Percorreu ainda outros pontos de encontro da antiga cidade. A Praça da Independência (hoje, Costa Pereira), o Parque Moscoso – agora, cercado por grades. Foi à antiga Igreja de São Tiago, mas nela não habitam mais os mesmo santos.

Encontrou-se, de repente, em frente à Catedral Metropolitana, esta que tinha visto menina, agora se tornara áspera, severa, com ar de senhora viúva e sem filhos. Entrou e percebeu que as preces rarearam. Apenas uma meia dúzia de senhores, ajoelhados e entorpecidos, invocavam os santos católicos. Pensou – nem a fé resiste ao tempo, nas cidades.

Deixou a igreja e, já sem muitas esperanças, passou a vagar sem rumo pelas ruas tortuosas do Centro. Muita coisa realmente mudara. O casario, os carros, as praças. Pensou se realmente estava no lugar certo. Se naquela cidade tinha sido mesmo feliz. Já não sabia. Quanto tempo passara fora? Muitos anos, incontáveis anos. Talvez nem ele fosse o mesmo.

Por de trás dos grandes moinhos ouviu o silvo de um barco. Resolveu que embarcaria novamente e nunca mais atracaria no porto de suas saudades. Tentou tomar um último trago em algum boteco da Cidade alta, mas foi impedido pela pressa do barqueiro.

Desceu a escadaria Maria Ortiz num sobressalto, e logo ali, atravessando a rua, estava o porto e o barco a sua espera. Chegou ao barqueiro, homem grave, magro, de cabelos brancos e encardidos. O homem exigiu o pagamento adiantado pelo transporte. Aquele barqueiro era bem diferente dos catraieiros que levavam os habitantes de Vitória para Vila Velha. Homens robustos, mas de riso fácil e boa conversa, geralmente negros, retintos e luzidios. O barqueiro, sisudo, estendeu-lhe a mão, como quem cobra alguma coisa sem dizer nada. O marinheiro apalpou os bolsos e percebeu que nenhum uma moeda carregava. Sem pagamento, sem viagem. Percebeu que outros esperavam no porto, vagueando centenários pelo transporte. Lembrou-se de algo que poderia servir de pagamento: um dente de ouro, fruto de trabalhos nas Minas Gerais. Com algum esforço conseguiu arrancá-lo. Entregou ao barqueiro, que sem questionar o enfiou na algibeira e permitiu a entrada.

Sentiu-se bem depois de embarcar, afinal desejava que o mar fosse sua campa e, depois do que vivera na cidade, sentia-se como morto. Decidiu – não se sabe se por vontade ou por impossibilidade – nunca mais voltaria à cidade.

Olhou o pôr do sol de Vitória pela última vez e deixou que o barqueiro conduzisse a viagem para o sem-fim, deslizando por sobre as águas

## VITÓRIA, MEU PÃO

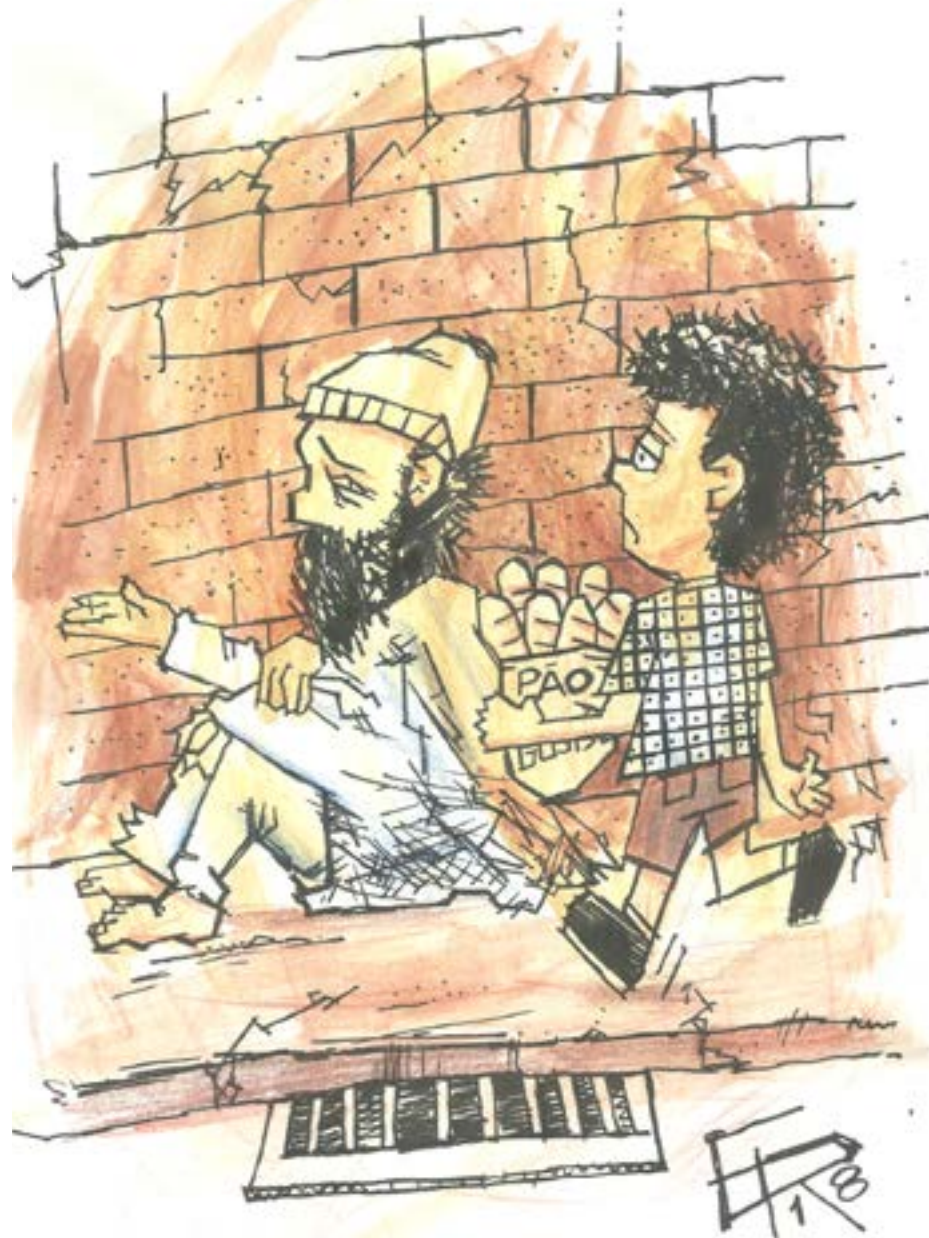
Vitória cheirava a pão. É isso mesmo. A minha vitória, aquela que guardo na lembrança, tinha cheiro de pão. E mais, tinha gosto de pão.

No centro, próximo a Catedral Metropolitana, havia uma “Pão Gostoso”, de lá saía o melhor pão que já tinha provado, e o mais caro também. Por ser o único filho da empregada, sempre era designada a mim a tarefa de alimentar os da casa. Era sagrado o horário do café vespertino: às 15h. E lá ia eu caminhando e observando a parcimônia dos mais velhos, aqueles senhores sentados nas praças com seus companheiros de jogo de damas. O número de pães nunca mudava, sempre eram sete. Até parecia algo religioso, a via-crúcis dos pãezinhos, que se repetia todos os dias.

Ali, em frente à padaria, aprendi que o valor do pão é relativo. Para mim, sempre foi caro, mas quem pagava era a patroa, nunca senti o peso do pão em minhas costas, mas haviam pessoas que ficavam ali na frente suplicando o “pão nosso de cada dia”. Nunca tive coragem de dividir os pães que me eram confiados. Ouvi, diversas vezes, quando questionava o porquê das pessoas não poderem comprar seus próprios pães, que “nem só de pão viveria o homem”.

Com o tempo, aprendi que realmente nem só de pão vivem os homens, mas também entendi que por falta dele, muitos morrem. A exemplo do grão de trigo - origem do pão - que “morre para que dê muito fruto”, a morte de uns dá vida a muitos outros. Outros que perpetuam a sua própria via-crúcis, de padaria em padaria, atrás do “pão da vida”, que todos os dias está mais caro.

Vitória continua cheirando a pão, continua com gosto de pão, mas já não existe “Pão Gostoso”. “Os bem-aventurados, como escreve São Clemente de Alexandria, que alimentam os que têm fome de



justiça pela distribuição do pão”, não estão mais por aqui. Não comeram o pão da vida eterna e por isso partiram. Sobramos nós. Que pão daremos ao que têm fome? Fome de justiça, fome de conhecimento, fome de vida.

Minha Vitória mofou, deixou o bolor tomar-lhe conta. Tornou-se úmida e escura, ambiente ideal para o crescimento destes fungos, que estão me matando. Quando eu cair no chão darei origem a muitos frutos. Frutos como eu, mas sem história, sem memória, sem saber quais os sabores da minha ilha.

Queria agora uma cidade sem fermentos, como o pão ázimo, pura, e um bom vinho para juntos, cearmos a vida. Alegrar-nos sem medo de sermos traídos por quaisquer trinta moedas de prata. Estás servido?



## SÃO TIAGO E OS DRAGÕES

**T**odos sabem que o santo que guerreia contra dragões é São Jorge. Porém alguns santos, como todo ser humano, têm de improvisar na hora do aperto, foi o que aconteceu com São Tiago. Pescador de origem, ele e o irmão, João, foram chamados pelo próprio Cristo, enquanto pescavam na companhia do pai. Depois de viverem todas as provações do apostolado cristão ao lado do mestre, Tiago foi à Espanha lançar as sementes do cristianismo. Tornou-se padroeiro daquele país e hoje tem um monumento em sua honra, a famosíssima catedral de Santiago de Compostela. Mas como a bonança só vem depois da tempestade, nos debruçemos sobre a história dos dragões de São Tiago, ou Santiago, se preferirem.

Ainda na presença de Jesus, Tiago e João enfrentaram a ira dos samaritanos, que não queriam deixar o Cristo entrar em Samaria. Indignados, perguntaram ao Senhor se queria que eles clamassem por fogo do céu para consumir aqueles pecadores. Foi aí que o apóstolo e seu irmão ganharam o apelido de filhos do trovão. Com um apelido desses, dado pelo próprio Cristo, ficou até mais fácil enfrentar dragões e o que viesse pela frente.

Após a ascensão, Tiago rumou para a península Ibérica, mas no caminho encontrou o primeiro dos dragões que enfrentaria. Às margens do rio Ebro, enquanto caminhava e orava, percebeu uma pobre casa, cheia de meninos em chamas. A casa era toda de madeira e isso fazia com que o fogo se alastrasse ainda mais. Preocupado com as crianças, São Tiago correu para socorrê-las, mas, para sua surpresa, elas não queriam deixar o lugar, lutavam brava e loucamente contra o fogo e afirmavam que ele tinha sido causado pela ira de um dragão. Mesmo diante do perigo, um pensamento lhe passou pela cabeça – de onde essas crianças tiraram a história do dragão?

Fogo controlado, crianças salvas, pronto, mais um milagre para a conta do santo.

São Tiago, ainda com a dúvida sobre a história das crianças, depois de todos estarem a salvo, chamou o mais velho dos meninos no canto e perguntou: – Que história é essa de dragão? Para sustentar o conto, o menino disse que os pestinhas tinham saído à cata de comida e algo para beber. Encontraram sobre um pilar, que ninguém sabia por que estava ali, um banquete. Não pensaram duas vezes, cataram toda a farinha e o vinho que lá estavam e fizeram a ceia ali mesmo. Voltaram cantando e dançando para a tapera e resolveram, na sua embriaguez pueril, acender umas velas em agradecimento. Acesas as velas, pegaram no sono. Foi aí que o maldito dragão apareceu. O banquete era uma oferenda a ele que, revoltado contra os ladrões, ateou fogo ao casebre dos meninos como castigo e foi-se embora. O resto da história o santo já conhecia e participara.

Aborrecido com a ladainha do moleque, São Tiago deu-lhe uns bons croques, uma bela sova nos demais e os advertiu contra o roubo e a bebedeira e continuou seu caminho. Mal sabia o que lhe esperava.

Depois que se tem contato com alguém da patente de Jesus, os encontros com seres celestiais deixam de ser tão surpreendentes. É um anjo aqui, um demônio ali, um querubim acolá. São Tiago combinou de encontrar Miguel, o arcanjo, em Zaragoza, mas este se atrasou vinte e um dias, fazendo com que o apóstolo quase perdesse a santa paciência. Quando se encontraram, o arcanjo pediu desculpas e atribuiu seu atraso a uma guerra com um príncipe persa por causa de uma encomenda extraviada. O encontro tinha sido marcado, pois São Tiago queria convencer o arcanjo a escoltar o navio que levaria Úrsula, e suas donzelas a Nantes, para casar com oficiais bretões. Como o navio já tinha partido, ele ficou sem graça de pedir a Miguel para ir voando atrás das moças e os dois ficaram batendo papo sobre coisas do céu e da terra.

Dias depois, uma tragédia caiu sobre as donzelas. Dragões do mar teriam tragado Úrsula e suas companheiras, sobrando-lhes apenas algumas partes – as menos úteis, claro. A notícia deixou o apóstolo arrasado. Se aquele sujeito não tivesse se atrasado, isso não teria acontecido. Praguejou Miguel em silêncio, sabia que se falasse o que pensou em voz alta, o anjo guerreiro poderia lhe cortar a cabeça. Mas logo depois uma alegria lhe ocorreu. Eram tantas virgens, que as partes que sobraram poderiam ser distribuídas entre as igrejas e fomentar a fé. Pensou consigo – Há males que vem para o bem da igreja.

Não encontrou muitos homens dispostos a morrer pela fé na Península Ibérica, por isso voltou à Jerusalém, onde, segundo falam, encontrou o último dragão dessa história. Este, por causa de uma perseguição local a alguns símbolos de fé, fez o santo perder a cabeça, mas antes de morrer ele pensou – será que é castigo por ter praguejado contra o arcanjo?

Os tolos que lhe cortaram a cabeça queriam acabar com a sua memória, mal sabiam que todos os dias se olharia para o seu santuário e perceberiam a falta que o santo faz. Dizem que o nome do dragão que lhe decepou a cabeça era Jerônimo e que o fez com a permissão de seu irmão, o fariseu Monteiro.

## QUANDO DUAS IRMÃS SE CONFUNDEM QUANTO AO NOME DA IGREJA

A Igreja e Convento Nossa Senhora do Carmo é o típico exemplo de que um nome é igual a uma cicatriz, pode até disfarçar, mas desaparecer, jamais.

Pena que quem teve de pagar por isso foram as irmãs Carmélia e Carmelita. As duas sempre foram muito fiéis às missas dominicais. Moravam no forte São João e vinham de bonde até Rua Sete de Setembro, dali caminhavam até a igreja, que fica pertinho. Carmelita era famosa em casa por dar muita conversa a estranhos, qualquer um que lhe perguntasse as horas deveria estar preparado para um bom papo. Já Carmélia era mais “dada” aos gracejos com rapazes. Mais de uma vez o pai já tinha lhe dado uma sova por causa de namoricos. O problema era que Carmelita também apanhava, pois o pai lhe acusava de acobertar as fugidas da filha mais nova, o que não era verdade. O que acontecia era que Carmélia, conhecendo o fraco da irmã, pedia que alguém a distraísse enquanto ela saía com algum moço pelas vielas da capital.

Um dia, no entanto, foi Carmelita que se deixou cair nas graças de um rapaz. Depois de a missa terminar, Carmelita não deixou ninguém roubar-lhe a atenção, se apressou em procurar a irmã, para juntas, embarcarem de volta ao Forte São João. Como das outras vezes, Carmélia desapareceu. A irmã mais velha, então, procurou em todos os lugares, mas nada da irmã namoradeira. Resolveu que não iria levar sova no lugar de ninguém. Juntou suas coisas e rumou para praça a fim de bondear até em casa. No ponto, estava o belo moço Joaquim. Jovem, de boa família, conhecido por suas conquistas amorosas. Já tinha lançado olhares e gracejos à Carmelita, mas esta se manteve incólume ao charme do rapaz. Desta vez, não foi diferente. Assim que chegou ao ponto, Carmelita foi “cumprimentada” com um olhar de cima



a baixo, como uma presa sendo esquadrihada pela fera. Manteve-se intacta. Sorriu para o rapaz, um riso amarelo, como quem dissesse que não cairia na sua lábia. Porém, o jovem conquistador tinha meios, não tão honestos, de se aproximar de quem lhe negava o desejo.

Ao entrarem no bonde, Carmelita já tinha se esquecido de sua irmã, tentava a todo custo se defender do predador. Era nisso que se concentrava naquele momento. Para seu azar, o bonde estava quase vazio, o que permitiu que Joaquim escolhesse o assento ao seu lado. O rapaz foi tentando puxar conversa, falou do tempo, da cidade, da missa, perguntou até pela irmã, que Carmelita já tinha esquecido a existência. Nada dobrava a jovem. Como última alternativa, Joaquim gritou que um rato estava no bonde. Carmelita não aguentou. O susto a fez se lançar para o colo de Joaquim que aproveitou o momento de fraqueza e lhe apertou a mão, passando segurança e depois de acalmá-la tascou-lhe um beijo. A jovem não resistiu. Depois de tanto lutar, se entregou e os dois foram se namorando até a parada do bonde. Fim da linha, fim de festa. Cada um seguiu seu caminho com o compromisso de se encontrarem na próxima missa. Carmelita se recompôs e pensou qual a desculpa daria ao pai para chegar sozinha. Pensou, pensou e decidiu falar a verdade – procurou a irmã depois da missa, não a encontrou e resolveu ir embora sem ela, para que o pai não achasse que ela acobertava a caçula. Claro que a parte do bonde seria omitida, afinal, ninguém conhecido havia visto o namoro da mocinha.

O pai das duas não escondeu seu descontentamento com as filhas, mas não castigou a mais velha por acreditar em sua versão. Perguntou apenas em qual igreja tinha ido. Ela respondeu que na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Como o pai não se dava com os nomes das igrejas, pois não frequentava nenhuma, fazia pouca diferença a qual as filhas iam.

Carmélia, depois de procurar pela irmã, por algum tempo, resolveu que iria para casa sozinha. Chegou ao ponto do bonde e esperou até a sua partida. Chegou a casa esbaforida, mais de medo do que de cansaço. Seu pai lhe esperava. Quando perguntou a ela onde estava, disse que, depois da missa, foi ao banheiro e, quando saiu, não viu Carmelita. Procurou-a nos arredores da Igreja do Carmo, mas não a encontrou e resolveu voltar para casa sozinha.

Igreja do Carmo e de Nossa Senhora Auxiliadora alguém está mentindo. Essa foi a conclusão do velho pai das meninas. Carmélia apanhou de novo pelos namoricos e Carmelita por não vigiar a irmã. Não importa o nome, o que vale é o costume.

## “TODOS SÃO IGUAIS, MAS UNS SÃO MAIS IGUAIS QUE OUTROS”

Em tempos de crise econômica, política, social e tantas outras, o Emandamento adulterado dos porquinhos de *Animal Farm* parece que ganha força e vivacidade.

Em Vitória, capital do Espírito Santo há uma rivalidade histórica entre dois grupos religiosos, os Caramurus e os Peroás. Essa disputa começou lá em 1833, quando os Peroás “roubaram” a imagem de São Benedito do Convento de São Francisco e a levaram para a igreja do Rosário. Os Caramurus, que queriam manter a imagem no convento, foram apelidados assim, pois eram considerados rusguentos e, por não entenderem bem o significado do nome, responderam, chamando os opositores de Peroás, pois era peixe tão desclassificado que nem era vendido no mercado.

Essa história todos conhecemos, Elmo Elton e tantos outros cronistas já a contaram e recontaram. O que pouca gente sabe é que Antônio Motta, autor do roubo da imagem de São Benedito, que deu início a uma das mais animadas procissões da cidade, o fez por não querer cultuar ao negro santo num lugar onde não era bem vindo, só por ser negro.

No Convento de São Francisco havia três imagens: a do padroeiro, no altar mor, e, em nichos laterais, as de Santo Antônio e São Benedito. Como o convento fica na Cidade Alta, lugar das “pessoas da melhor sociedade vitoriense”, os escravos e seus descendentes não eram bem vindos, apesar de todos, brancos e pretos, serem devotos do taumaturgo negro.

Mais de uma vez, Antônio Motta já tinha ouvido que não era bem vindo ao convento e que, ali, os padres não deveriam aceitar a presença “desses negrinhos”, em tom blasé, proferido por damas da alta sociedade capixaba – se é que aqui já houve alguma alta

sociedade, exceto por morarem na cidade alta.

Na véspera do roubo, Motta e seus comparsas, Domingos do Rosário e Elias Abreu, tinham sido alvo dos impropérios da “melhor sociedade”. Sentados no Largo da Conceição, hoje, Praça Costa Pereira, os devotos de São Benedito reclamavam, o cancelamento, no ano anterior, da procissão, que não saíra graças ao medo de chuva do frei Manuel da Santa Úrsula. Como os ouvira, um casal distinto de senhores, também devotos do santo, abençoou a decisão do frei de não sair com a procissão, pois não gostariam de adorar a tão milagroso ser ao lado “desses sujeitinhos sem alma”. Foi o que bastou para que os três decidissem fazer sua própria procissão.

Arquitetaram um plano simples, mas infalível. Sabedores das limitações do guardador do convento, frei Antônio de São Joaquim, idoso e surdo. Decidiram que, antes da missa, entrariam na igreja vazia. Domingo do Rosário vigiaria a saída do escravo José Barbeiro e do cozinheiro Bento, que tinham sido aliciados pelos pretos, mas não queriam se comprometer com o roubo, concordaram em apenas não delatá-los nem tentar impedi-los. Elias Abreu vigiaria o caminho e o frei. Antônio, acobertado pelos comparsas, desliza pelas paredes da igreja, sobe no nicho e apanha a imagem, que escorrega macia para a bolsa em suas costas, tão macia que parecia que São Benedito se jogara, a fim de seguir com o africano liberto para a procissão, que o esperava no largo. A festa, pois então era mais que procissão, era uma festa mesmo, percorreu a ponte do Reguinho – onde hoje fica a Rua Sete – e chegou à Igreja do Rosário, onde os pretos eram muito bem vindos, pois fora construída com mão de obra escrava. Antônio Motta não teve dúvida, a imagem do santo deveria ficar onde todos a pudessem cultuar, onde todos eram realmente iguais, filhos de Deus e devotos do santo.

## MARIA ORTIZ E AS ESCADAS

**M**aria Ortiz foi a primeira heroína na história do Brasil. Apesar de ser reconhecida por ter ajudado na expulsão dos holandeses, sob o comando do famoso capitão holandês Piet Pieterzsz Heyn, ela tem outras histórias que a História fez questão de apagar. Maria Ortiz, ou dona Maria, como passou a ser chamada, participou de outras conquistas da capitania.

Todos sabem que as obras públicas são sempre muito custosas, demoradas e, muitas vezes, de qualidade duvidosa. A escadaria que hoje leva o nome da heroína não foi diferente. Os relatos de sua época já apontavam aquele mesmo lugar, onde hoje fica a construção, como a ladeira por onde os holandeses tentaram subir à Cidade Alta. Se naquele tempo, o péssimo estado da subida ajudou os moradores a vencer a batalha, há muito já se reclamava por melhorias, pois, nem sempre se esperou que um ataque estrangeiro subisse por ali. Como a capitania, na época dos Ortiz, não gozava de grande riqueza, a obra era sempre protelada, diziam por falta de recursos, por falta de mão de obra, ou mesmo, não se dizia nada, apenas não se melhorava o estado do famoso caminho.

Maria Ortiz, após a vitória contra os invasores, passou a gozar de certo prestígio popular. Todos que precisassem de alguma coisa corriam aos pés da moradora mais célebre da região no intuito de que ela intercedesse em seu favor a alguém importante, ou mesmo ao donatário Francisco de Aguiar Coutinho. Porém, Maria Ortiz nunca foi de dar trela para os pedidos que, na maioria das vezes, eram em benefício único e exclusivo do pedinte.

Entretanto, uma reclamação ela fez chegar aos ouvidos do donatário. A ladeira por onde subia e descia diariamente era muito íngreme, foi até utilizada pelas crianças para descer de barrilete ladeira abaixo, conforme conta Luiz Guilherme Santos Neves,



nas Crônicas da Insólita Fortuna. Essa mesma ladeira, em tempos de chuva se tornava muito escorregadia, o que provocava quedas em demasia. A própria Maria Ortiz, ralou os joelhos algumas vezes descendo e subindo com trouxas de roupa no lombro.

Angustiada com as constantes reclamações, inclusive de sua mãe, dona Carolina Darico, Maria saiu em busca de uma solução. Usando seu nome, o mais conhecido da cidade na época, marcou uma audiência com o próprio donatário.

Francisco Aguiar a recebeu com as pompas que uma heroína merece, mandou preparar uma bela mesa de café, enfeitar a sala de reuniões com flores e colocá-la ao seu lado na mesa. Muito modesta, Maria pediu que seu pai, Juan Orty, tomasse o assento ao lado do donatário, assim ficou frente a frente com o governador e, olhando em seus olhos, relatou a degradante situação da ladeira.

Falou dos tombos e ralados, dos meninos descendo em barriletes, da lama, em tempos de chuva. Enfim, encheu os ouvidos do neto de Vasco Coutinho com suas lamúrias. Ao final de seu relatório, Maria já bem mais relaxada, ouviu um parcimonioso governador expor as dificuldades da capitania, o descaso da Coroa e todo um seu arsenal de desculpas para não realizar nenhuma melhoria na ladeira.

Cansada daquela ladainha, Maria Ortiz pega seu pai pelo braço, o frágil Juan Orty e, resoluta, deixa o palácio do governo, decidida a tomar sozinha algum providência.

Ao chegar a sua casa, uma pequena multidão estava a sua espera, aguardando as novidades que não viriam. Maria tomou posição na sacada do sobrado dos Orty e Ortiz e disse ao povo o que sucedeu no encontro. Depois de despejar as desculpas do donatário sobre os conterrâneos e perceber o desânimo em seus rostos, encheu o pulmão, tomou novo folego e clamou ao povo que não esperasse por ninguém. Convocou a todos, homens e mulheres, em condições de trabalhar, para, num mutirão, construírem, eles mesmos,

uma ampla e segura escadaria.

Como não poderia deixar de ser, o povo se inflamou diante do vigor e determinação da heroína e resolveu que no final de semana a escadaria seria construída.

Assim se fez. No sábado, antes do sol nascer, o povo começou a se reunir em frente à casa dos Ortiz. Às seis da manhã, Maria, Juan e Carolina saíram com enxadas e pás para se juntar ao povo que já estava com picaretas e cavadeiras a postos.

O trabalho foi até ao meio-dia, quando todo o povo parou para almoçar moqueca de robalo com angu. Às treze horas o trabalho recomeçou e só parou perto das sete da noite com a escadaria totalmente terminada.

Os degraus tinham sido feitos na própria terra, mas com uma cobertura de pó de ostras e cal, o que os fariam durar longos anos, mesmo com as chuvas e, para ajudar os mais velhos a descer com segurança, um longo corrimão foi construído com pau-brasil. Terminada a obra, o povo foi comer as sobras da moqueca e rodopiar ao som dos congueiros, devotos de São Benedito, até perto de o domingo raiar.



## RUA TREZE DE MAIO (EX-RUA DO PIOLHO)



A Rua Treze de Maio, ex-rua do piolho, fica bem no centro da cidade de Vitória-ES. Essa rua fez parte da minha infância, uma parte muito gostosa, que vou rememorar com o sagaz leitor. Minha mãe era empregada doméstica numa casa do Centro, a casa ficava – e ainda fica – bem em frente ao convento de Nossa Senhora do Carmo, mas hoje, foi reformada e perdeu um pouco das características que possuía nos idos anos 1990. Como moramos na Serra, cidade que fica a aproximadamente vinte quilômetros da Capital, íamos sempre de ônibus para o trabalho dela. Nessa época eu tinha uns seis ou sete anos de idade. Foi nesse mesmo período que comecei os estudos no Colégio João Paulo II, que ficava na Praça Ubaldo Ramalheira Maia. Esse colégio atendia, em sua maioria, meninos em situação de risco social, ou meninos de rua, como eram chamados.

No meio da Rua Treze de Maio ficavam duas lojas que abrigavam minhas duas maiores paixões: futebol e brinquedos. Uma ainda está lá A Esportiva, uma das poucas lojas de material esportivo que sobreviveu à degradação do Centro. A outra deixou de existir há muitos anos. Não me lembro do seu nome, me referia a ela apenas como loja do japonês, já que vários de seus funcionários tinham feições orientais.

Eu e minha mãe desembarcávamos na Avenida Jerônimo Monteiro, quase em frente à Garapa da Cidade, a pastelaria mais famosa do Centro. Dalí até à Praça Costa Pereira, o percurso era muito tranquilo, salvo quando importunava a mãe por um pastel com caldo de cana, geralmente negado sob a justificativa de ser muito cedo para comer fritura. Mas quando chegávamos à esquina da Rua Sete de Setembro com a Treze de Maio, era “pernas pra que te quero”. Mesmo sob as ameaças de castigo de minha mãe, eu saía correndo até chegar à loja do japonês. Lá eu ficava, até que minha mãe passasse, namorando os vários brinquedos da loja.

Bonecos, carros a controle remoto, coleções de super-heróis, tudo que os meninos da minha geração adoravam. Nunca me esqueci do boneco do meu personagem favorito, o ninja Jiraiya, quase do meu tamanho. Além dele, havia também muitos artigos orientais, principalmente armas ninjas, como espadas katanas, estrelas e nunchacos, que faziam a cabeça da criançada, principalmente por causa dos filmes de artes marciais.

Durante várias semanas eu corri à frente de minha mãe para ver o meu herói favorito, até que um dia ele não estava mais lá. Quando perguntei por ele, a moça me disse, parecendo compartilhar a minha perda – foi vendido ontem. Não pude esconder a tristeza, parecia que um amigo ou parente muito próximo tinha partido. A atendente, que já devia me reconhecer, sentiu a minha perda e tentou contorná-la – chegarão mais semana que vem. Não tinha jeito, a perda era irreparável.

Olhei minha mãe como se dela fosse a culpa pelo Jiraiya ter partido, ela nem ligou. Tomou-me pelo braço e saiu arrastando em direção ao trabalho.

Como que para castigá-la, deixei de correr até à loja pelo resto da semana, pensando que ela se sentiria culpada e se esforçaria para comprar o boneco assim que ele chegasse. Ledo engano, nem o boneco chegou, nem minha mão se comoveu. Continuei sem boneco e, pensando bem, ela nunca comprou nada naquela loja. Lembrando dessa história e de que nada comprei naquele lugar, melancolicamente chego à conclusão de que o piolho da ex-rua do piolho era eu.

## O TEMPO DEVORA O RELÓGIO

Diante do relógio da Praça Oito, em Vitória, obra de um sujeito chamado João Ricardo Hermann Schorling que, apesar do nome bem brasileiro, nasceu em Berlim, Alemanha, me pergunto qual o valor de uma obra como essa? Por que foi feita ali, no meio da praça? Não tenho respostas, mas me parece que o próprio tempo devora o relógio.

Essa construção, datada do ano de 1942, quando a cidade era governada pelo então prefeito Américo Poli Monjardim, marca uma época que esse tipo de construção era mais que um monumento, era um verdadeiro acessório de utilidade pública. Da mesma forma que hoje as academias populares, os parques para crianças, os bicicletários são tão úteis, naquela época um relógio no meio da praça, também o era.

Além desse relógio, é do mesmo engenheiro os que funcionam na igreja de São Pedro - São Paulo, em Biriricas, no município de Cariacica e da torre da igreja Luterana de Domingos Martins. Coube ainda ao alemão o conserto de relógios situados no Convento da Penha e no palácio Anchieta.

Apesar do grande valor histórico, hoje o relógio encontra-se parado e corre "à boca miúda" que todo o seu maquinário será substituído por outro mais moderno.

Moderno, que palavrinha querida por essa geração. Tudo que é moderno nos interessa. Tudo que é moderno é bom, é agradável, aí daquilo que não for moderno, está fadado à substituição. Mas será que se pode trocar tudo que não é moderno?

Se assim for, o que fazer com os monumentos da cidade. O que fazer com o Mercado da Capixaba, aquele prédio – que já substituíra outro que não era moderno o suficiente para a época – construído

na antiga Avenida Capixaba, hoje Jerônimo Monteiro, construído com formas ecléticas e neoclássicas?

O que fazer com o Mercado São Sebastião, construído em 1945 e que guarda as características da produção artística do estado do início do século XX, além da lembrança longínqua de prosperidade que o estado vivia?

O que fazer com o Forte São João e a escadaria Maria Ortiz construídos no século XVII e que guardam histórias heroicas de vitórias contra piratas estrangeiros, como o inglês Thomas Cavendish e o holandês Pieter Pieterszoon?

## OTINHO E O LABIRINTO DE NOMES

Caminhando pelas ruas do Centro, Otinho nunca percebeu a variedade de nomes que estampam as esquinas, as praças e os monumentos. Nunca, até agora!

Sua viagem começou quando Costa Pereira, o conselheiro imperial, lhe abordou.

- Como vai, Otinho?

- Quem é o senhor?

- Como, quem sou eu? Ainda não me conhece, homem? Todo o dia passa por mim, agora fica aí, perguntando quem sou!

- Não, não o conheço. Se conhecesse não perguntava!

- Pois, como você é malcriado, rapaz. Tenho idade para ser seu pai ou seu avó. Tenha modos!

- Disse que não o conheço, mas o senhor insistiu...

- Pois bem, filho, sente-se aqui. Vou lhe apresentar alguns sujeitos importantes. Veja lá como vai tratá-los, heim!

Enquanto Costa Pereira ainda falava, uma multidão de vozes inundou o lugar. Era tanta gente falando ao mesmo tempo, que Otinho ficou perturbado. Queria sair dali o mais rápido que pudesse, mas parecia não poder se mexer. Estava preso ao conselheiro, que ria e parecia se deliciar com o desespero de Othon e as vozes de seus conhecidos.

- Pois bem, meu filho, aqui tem de tudo: político, empresário, engenheiro, militar. Só não tem gente pobre, igual a você. A única



desabastada é a Dona Domingas, que mora lá do lado do Anchieta, mas que ninguém sabe de onde veio ou pra onde vai com aquele saco nas costas.

- Dá pra pedir para eles falarem mais baixo? Cambada de gente mal educada!

- Não diga isso, são todos sujeitos importantes da história desta cidade, como poderia mandar, qualquer um que fosse, falar mais baixo? Seria uma afronta! Além do mais, é questão de costume. Daqui a pouco você estará falando como eles.

Costa Pereira pensou, mas não disse a Otinho: “Só não sei se vai acostumar a falar e não ser ouvido”.

- Venha, vamos dar uma volta pela cidade. Convidou o guia.

- Eu já conheço a cidade e, muito melhor que o senhor! Com todo respeito.

- Ah, sim, conhece. O que você não conhece são os sujeitos que aqui habitam. Cada um tem uma história, cada um tem algo muito especial para contar. Basta querer ouvir. Você está disposto a ouvi-los, Otinho? Saiba que terá muito tempo, é bom aprender a usá-lo.

- Farei versos com o tempo – e foi pegando um caderninho e uma caneta.

- Já tinha ouvido falar que era poeta, me diga o que está escrevendo?

- Deixe de ser enxerido, seu Pereira. Deixe-me terminar os versos. Assim não posso trabalhar, com alguém me apressando.

- Deixe de conversa, homem. Leia logo o que escreveu!

- Não, ainda não está terminado. Quando estiver, se eu gostar, lhe mostro.

- Tudo bem. Mas termine rápido, temos muito tempo, mas não devemos desperdiçá-lo.

- Terminei, mas não gostei - assim rasgou a folha onde escrevia e jogou-a no lixo.

Costa Pereira meneou a cabeça em sinal negativo e passou a apontar os sujeitos que falavam ao redor deles.

- Aquele ali, com vozeirão, é Carlos Gomes. Sabe quem é?  
- Sei o teatro tem o mesmo nome.

- Não é o mesmo nome. É o nome dele. O Teatro foi batizado em homenagem a ele.

- E por quê?

- Vá você perguntar a ele.

- Vou mesmo, acha que fico com vergonha?

- Claro que não.

Otinho enquadrrou, na maior cara dura, Carlos Gomes e perguntou na lata:

- Quem o senhor acha que é para dar nome ao Theatro?

Carlos Gomes, muito educado, levou-o num canto e gastou alguns minutos contando a sua história. No fim, convencido, Otinho deu-lhe um abraço, como se fossem amigos de velha data, e veio sorrindo até Costa Pereira contar-lhe o que ele disse.

- Grande sujeito. Admirável. Gente da melhor qualidade – elogiou.
- O que ele disse? Perguntou Pereira.
- Ah, falou um pouquinho da família, do pai, dos irmãos, das canções. Coisas que todo mundo sabe, mas revelou um segredo, que só seus confidentes conhecem.
- O que é?
- Você, por acaso, é amigo dele?
- Não. Já nos conhecemos há algum tempo, mas nunca me disse nada que fosse segredo.
- Então não posso contar. Tenho culpa se ele confia em mim e não confia em você!?
- Entre espantado e irônico, Costa Pereira sorriu e passou a apresentar outros sujeitos.
- Aquele ali, careca e de bigode, o nome dele é Afonso Cláudio, também é um sujeito importante. Vá lá falar com ele.
- Não quero.
- Por quê?
- Não preciso.
- Mas você precisa se enturmar, Otinho.
- Eles é que precisam vir falar comigo, eles sabem que eu sou. Sou mais conhecido que todos eles. Eles que precisam se enturmar comigo. Igual a você. Só veio falar comigo para ganhar prestígio.

- Ah, Otinho. Quanta presunção! Mas tudo bem, vou dizer a eles para procurarem você.

Por se tratar de um sujeito muito respeitado por todos. Costa Pereira chamou aqueles homens num canto e convidou-os a conhecer o famigerado Otinho, o personagem mais conhecido da cidade.

Um a um todos se apresentaram. Muniz Freire, Florentino Avidos, Jerônimo Monteiro, Graciano Neves, Duque de Caxias, Marcelino Duarte e outros tantos que compõem o labirinto de nomes da cidade.

Otinho, com um sorriso irônico, ia cumprimentando-os e olhando, descaradamente, o sorriso amarelo no rosto de Costa Pereira a cada apresentação.

No fim, Otinho ainda lhe disse:

-Não falei que todos é que tinham que vir me conhecer.

## A PRAÇA PÚBLICA: UM LUGAR DE ENCONTROS

As praças sempre foram lugares para se encontrar com os amigos, colegas de trabalho, estranhos. Ora estamos nelas a fim de um lanche, a fim de um tempo ou a fim de nada, só vendo o tempo passar. Mas existem figuras nas praças que, geralmente, são as mais conhecidas localmente que celebridades famosas. Por exemplo: toda praça tem o seu doido, tem o seu bêbado oficial – e alguns coadjuvantes – tem o seu vendedor de guloseimas e por aí vai.

A praça de minha predileção também tem seus atores. É difícil definir qual é o seu bêbado oficial, nenhum deles conseguiu ainda o posto de titular da posição, mas a disputa é boa. Existe um casal de bêbados, que tem a simpatia de grande parte do público, existe um bêbado que utiliza roupas femininas depois do porre e tem ainda o que dá conselhos – a ele mesmo ou aos outros – em sua embriaguez.

A fila dos doidos também é grande. Um dos mais simpáticos é o que dança e solta pipa ao mesmo tempo – por se tratar de um doido, não há nem música nem pipa, que fique bem claro! Ele tem a simpatia dos meninos, que o acompanham em sua aventura de cortar todas as pipas adversárias. Conta até com certa benevolência das crianças que, em sua inocência, lhe presenteiam com papagaios aparados ou pegos, depois de serem cortados. O problema é que o pobre não tem linha para empinar as pipas, assim fica com elas nas mãos até esquecê-las em algum lugar e perdê-las.

Além do pipeiro dançarino, há um que joga pedras – em todo lugar, tenho a impressão, tem um doido que joga pedras. Seu nome eu não sei, mas dizem que é Peu, o problema é que não se pode dizer isso alto, pois se ele escutar é “pernas pra que te quero”, é pedrada que não acaba mais. Apesar da animosidade do Peu, todos lhe são simpáticos, exceto aqueles que já foram alvos certos





de suas pedradas.

O outro é chamado de “Borarrai”. O apelido vem da forma como ele trata do burro de carga que utiliza para trabalhar. Como ele sai gritando pela rua com seu burro, assim as pessoas, principalmente as crianças – na idade de crianças ou temporãs – gritam com ele. Não se pode negar, todavia, que Borarrai é muito trabalhador. Está sempre com sua carroça puxando algum entulho ou troncos de árvore cortada.

Não poderia esquecer o Rambo, esse é uma figura! Rambo poderia tanto entrar na seleção de bêbados quanto de doidos, pois só fica doido depois de bêbado. É batata, basta beber para Rambo tirar a camisa e exibir seu corpo torneado e musculoso, em seus pouco mais de um metro e meio e cinquenta quilos, acredita ser – depois de bêbado – o sexy symbol do pedaço.

Na praça também ficam os tipos malandros. Esses tipos são os mais divertidos. Eles se acham muito expertos e tentam enrolar todos os desavisados. Sabe aquele cara que pretende “vigiar” seu carro, bem em frente a sua casa e ainda cobrar “apenas o cafezinho” por isso? Aqui tem um. O cara que fica no ponto de ônibus esperando alguém lhe pedir informação para dizer “também estou indo para lá, posso te guiar, se me der carona”, existe aqui também. E aquele que pede informação de qual ônibus deve pegar e, depois da informação, pede uma ajuda para voltar a sua terra natal? Pois é, ele também está aqui.

E você, conhece algum tipo famoso, desses mais populares que nota de dois reais? Se você mora na periferia, é provável que conheça. Então o guarde, pelo menos na memória, pois com a modernidade, a maioria desses sujeitos vai desaparecendo. Ou alguém conhece um doido, bêbado ou malandro criado em condomínio fechado?



## SANTO DE CASA FAZ MILAGRES

Já vão longe as disputas entre grupos que possuem opiniões diferentes em relação a um mesmo assunto. Por vezes essas disputas levaram a guerras sangrentas ou ao rompimento de amizades antigas. Não importa a proporção, sempre que um tema espinhoso como política ou religião entra em debate alguém se sente no direito de tomar o seu discurso por verdade e atacar o outro, como se esse representasse o próprio mal.

Essas querelas colocaram, e ainda colocam, frente a frente grupos religiosos, como os católicos e os protestantes, que culminou na Reforma protestante e na Contrarreforma católica, assim como as rixas entre americanos e russos, que resultou na Guerra fria ou as discussões entre comunistas e capitalistas – que ultimamente ganharam força e muitos “textões” nas redes sociais.

Uma dessas disputas gerou uma festa, que gerou essa história.

As festas juninas promovidas, na maioria das vezes, pelas comunidades católicas, são alvos constantes das críticas de religiões evangélicas. Dizem elas: são adorações ao Diabo, as comidas são consagradas aos demônios, são regadas a bebidas alcoólicas, e por aí vai, ou seja, quem é evangélico não pode frequentar uma festa junina católica sob o risco de condenação ao fogo dos infernos.

Como ninguém gosta de ficar por fora de festejos, as comunidades evangélicas criaram suas maneiras de festejar com as comidas mais típicas do período junino. Os nomes, porém, não podem carregar referências ao mês de junho ou a São João que, diga-se de passagem, nada tem a ver com isso, então são chamadas de araias – também utilizadas pelas comunidades católicas – mas com o acréscimo do “de Jesus”, ou “de Deus” ou apenas o “gospel”, que já serve de adjetivo para atrair o público evangélico.

Numa dessas famigeradas festas juninas gospel – olha aí o ato falho – melhor dizendo, arraiá gospel, foi que Rosa, o nome não é esse, mas para preservar a mocinha, vai ser Rosa mesmo, “amou o presente século”, quer dizer, entre os evangélicos, “enfioi o pé na jaca”.

Rosa, moça alegre, muito comportada, sempre foi muito querida entre os seus “irmãos”. Cantava nos cultos de domingo, ensinava as criancinhas na escola bíblica, dançava na igreja, quando não estava cantando, era uma beleza.

Um dia, numa dessas festas, promovida pela própria igreja de Rosa, para levantar fundos para a reforma do templo, João, também não é esse o nome do sujeito, mas fica sendo, malandro conhecido, cheio de lábia, que já vinha há algum tempo “buscando a presença do Senhor”, resolveu atacar. Antes, porém, já frequentava a igreja, na encolha, já tinha conseguido “desviar” umas duas irmãzinhas mais fracas na fé. Mas agora era diferente, estava atrás da grande conquista: Rosa.

Há alguns dias, João tinha começado a falar com seus amigos que tinha se arrependido dos seus pecados, que queria mudar de vida, parou de beber, de fumar e que agora queria uma mulher para casar. Quem conhece esse tipo, sabe que isso não passa de ladainha, mas há ainda quem caia, duvida?

Na festa, tinha, à moda das comunidades católicas, a barraca do beijo, porém, essa barraca era chamada “barraca da oração”. Na verdade eram duas: uma para os homens outra para as mulheres. Só por precaução.

Na barraca dos homens, estavam dois amigos de João. Ele, muito esperto, combinou tudo com os dois que, mesmo sob protestos, aceitaram o esquema. João iria buscar oração na barraca, mas eles teriam de se ausentar por alguns instantes e colocariam Rosa em seus lugares, por alguns minutos, só para não deixar a barraca

sozinha. Rosa, muito solícita, foi render os dois rapazes e não teve o que fazer quando João chegou. Ela ficou encantada com a delicadeza do rapaz. Pegou em sua mão, deu-lhe muitos sorrisos e exalava um ótimo perfume. Não parecia em nada com aquilo que lhe falavam a seu respeito. Na verdade, aquele podia ser “o homem de Deus pra ela”, “fruto da misericórdia do Senhor, para sua vida” pensou.

João, não parou mais de cortejar Rosa, durante toda a festa. Já quase no final, muita gente tinha ido embora, algumas barracas já estavam desmontadas e, cadê Rosa? A moça tinha sumido. Seus pais e todos que ainda estavam na festa começaram a procurá-la. Meia-hora depois, chega Rosa, meio descabelada, a maquiagem um pouco borrada. Enfim, todos sabemos o que aconteceu.

Só não pensem que João se safou. Meses depois, Rosa anunciou a gravidez. Foi um choque para a família. Quando ela disse quem era o pai, a mãe queria cometer suicídio, o pai queria resolver na bala, um alvoroço. Todos os dias algum irmão ia visita-los, parecia que uma grave doença tinha acometido alguém da casa. O clima, antes alegre, dera lugar a um tempo de luto. João não queria nem saber da moça, não podia ser dele. – Só uma vez, dizia, não era possível. Era possível, sim. Rosa, revoltada com a recusa do rapaz em assumir o filho e ela, resolveu buscar ajuda com o Senhor. Deus? Não. O senhor seu tio, um policial aposentado, com fama de “resolver” problemas de família.

O tio, sujeito bruto, de aparência hostil, apesar da pouca estatura, ouviu as lamúrias de Rosa e prometeu atender o seu pedido. Enquadrou João, na esquina de sua casa, nem se preocupou com a vizinhança que toda olhava a abordagem nada amigável.

- Oh, seu pilantra, entre aqui no carro. Disse o tio de Rosa.

- Quem é você pra me dar ordens? Retrucou João.

- Entra ou corre. Em tom ameaçador, mostrando o revólver, disse o tio.

João, rapaz esperto, entrou no carro. Os olhos lacrimejavam. O fim estaria próximo? Lembrou-se de uma mulher casada que tinha caído em suas graças, meses atrás. Era o castigo divino que batia a porta.

Os dois andaram por algum tempo a sós. Ninguém sabe muito bem o que o tio de Rosa disse a João. O que sabemos é que o malandro deu um jeito na vida. Assumiu o filho e Rosa. Os dois se casaram, antes da barriga apontar e toda vez que João pisa na bola, Rosa aponta para o retrato do tio, na parede da sala, como se fosse um santo restaurador de casamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAYMMI, Dorival. **Suíte dos pescadores**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/dorival-caymmi/45589/>>. Acesso em 21 ago.2017.

ELTON, Elmo. **Uma história praieira**. Vitória: Editora Vida Capixaba, 1945.

ELTON, Elmo. **Poemas que a onda levou**. Vitória: Editora Vida Capixaba, 1947.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.